



PORTUGUESE A2 – HIGHER LEVEL – PAPER 1
PORTUGAIS A2 – NIVEAU SUPÉRIEUR – ÉPREUVE 1
PORTUGUÉS A2 – NIVEL SUPERIOR – PRUEBA 1

Friday 18 November 2005 (afternoon)
Vendredi 18 novembre 2005 (après-midi)
Viernes 18 de noviembre de 2005 (tarde)

2 hours / 2 heures / 2 horas

INSTRUCTIONS TO CANDIDATES

- Do not open this examination paper until instructed to do so.
- Section A consists of two passages for comparative commentary.
- Section B consists of two passages for comparative commentary.
- Choose either Section A or Section B. Write one comparative commentary.

INSTRUCTIONS DESTINÉES AUX CANDIDATS

- N'ouvrez pas cette épreuve avant d'y être autorisé(e).
- La section A comporte deux passages à commenter.
- La section B comporte deux passages à commenter.
- Choisissez soit la section A, soit la section B. Écrivez un commentaire comparatif.

INSTRUCCIONES PARA LOS ALUMNOS

- No abra esta prueba hasta que se lo autoricen.
- En la Sección A hay dos fragmentos para comentar.
- En la Sección B hay dos fragmentos para comentar.
- Elija la Sección A o la Sección B. Escriba un comentario comparativo.

Escolha a Secção A ou a Secção B.

SECÇÃO A

Analise e compare os dois textos seguintes.

Aponte as semelhanças e as diferenças entre os dois textos e o(s) seu(s) respectivo(s) tema(s). Inclua comentários à forma como os autores utilizam elementos tais como a estrutura, o tom, as imagens e outros artifícios estilísticos para comunicar os seus propósitos.

Texto 1 (a)

Altruísmo ou egoísmo

A escolha de uma profissão é o primeiro calvário de todo adolescente. Muitos tios, pais e orientadores vocacionais acabam recomendando “fazer o que se gosta”, um conselho confuso e equivocado.

5 Empresas pagam a profissionais para fazer o que a comunidade acha importante ser feito, não aquilo que os funcionários gostariam de fazer, que normalmente é jogar futebol, ler um livro ou tomar chope* na praia.

Seria um mundo perfeito se as coisas que queremos fazer coincidissem exactamente com o que a sociedade acha importante ser feito. Mas, aí, quem tiraria o lixo, algo necessário, mas que ninguém quer fazer?

10 Muitos jovens sonham trabalhar no terceiro setor porque é o que gostariam de fazer. Toda semana recebo jovens que querem trabalhar em minha consultoria num projecto social. “Quero ajudar os outros, não quero participar desse capitalismo selvagem.” Nesses casos, peço que deixem comigo os sapatos e as meias e voltem para conversar em uma semana.

15 É uma arrogância intelectual que se ensina nas universidades brasileiras e um insulto aos sapateiros dizer que eles não ajudam os outros. A maioria das pessoas que ajuda os outros o faz quase de graça.

As coisas que realmente gosto de fazer, como jogar tênis, velejar, eu faço de graça. O “ócio criativo”, o sonho brasileiro de receber um salário para “fazer o que se gosta”, somente é alcançado por alguns professores felizardos de filosofia que podem ler o que gostam em tempo integral.

20 O que seria de nós se ninguém produzisse sapatos e meias, só porque alguns membros da sociedade só querem “fazer o que gostam”? Pediatras e obstetras atendem às 2 da manhã. Médicos e enfermeiras atendem aos sábados, domingos e feriados. Eu respeito muito mais os altruístas que fazem aquilo que tem de ser feito do que os egoístas que só querem “fazer o que gostam”.

Stephen Kanitz, *Revista Veja*, (2004) Brasil

* chope – cerveja

Texto 1 (b)

O limpa-vias trabalhava há muitos anos no metro, sempre de olhos no chão. Uma toupeira, uma rato dos canos. Picava papéis na ponta de um pau com um prego, e metia-os no saco. Varria milhões de pontas de cigarros, na maioria quase intactos, de fumadores impacientes, limpava as latrinas, espalhava desinfectantes, polvilhava as vias de um pó branco e misterioso, e todas as vezes que o camarada da lanterna soltava um apito estrídulo¹ – lá vem o comboio! – ele encolhia-se contra a parede negra, onde escorriam águas de infiltração, na estreita passagem de serviço. Sempre de olhos no chão, bisonho² e calado, como quem nada espera do Alto, e não esperava. A vida dele vinha toda do chão imundo e viscoso. Era estrangeiro, imigrante, como tanta gente, não brincara nem vadiara na voragem empolgante das ruas da grande cidade, e vivia perfeitamente resignado à sua obscuridade. Como tinha nascido na Lituânia, ou talvez na Estónia, só falava em monossílabos; e debaixo da pátina³ oleosa e negra que o ar do metro nela imprimira com o tempo, a sua face era incolor e a raça indistinta.

Ora, à esquina de certa rua há uma igreja, a de São João Baptista, a todo o comprimento de cuja fachada barroca e cinzenta os respiradores do metro formam uma longa plataforma de aço arrendado. Os casamentos são frequentes ali e o arroz chove às cabazadas em cima dos noivos, à saída da cerimónia, num grande estrago de alegria. Depois dos casamentos, o sacristão ou porteiro da Igreja, varre o arroz para dentro das grades. A primeira vez que viu aquele arroz derramado no chão, o limpa-vias não fez caso. Mas como ia agora por ali com mais frequência, notou que a coisa se repetia.

Até que um dia, depois de olhar em roda, não andasse alguém a espiá-lo, abaixou-se, ajuntou os bagos com a mão, num montículo, e encheu com eles o bolso. Chegado a casa, a mulher cruzou as mãos de assombro: arroz alvo, de primeira! Dias depois, sempre sozinho, varreu o arroz para dentro de um cartucho e levou-o para casa. Pobres, aquela fartura de arroz enchia-lhes a barriga, a ele, à mulher e aos seis ou sete filhos. Ela habituou-se, e às vezes dizia-lhe: “Vê lá se hoje há arroz, acabou-se o que tínhamos em casa”. O limpa-vias nunca perguntou de onde é que chovia tanto grão, sobretudo no bom tempo, pelo Verão, e aos domingos, que até parecia uma colheita regular.

José Rodrigues Miguéis, *Gente de Terceira Classe* (adapt), (1964) Portugal

¹ estrídulo – agudo

² bisonho – triste

³ pátina – camada envelhecida e esverdeada

SECÇÃO B

Analise e compare os dois textos seguintes.

Aponte as semelhanças e as diferenças entre os textos e o(s) seu(s) respectivo(s) tema(s). Inclua comentários à forma como os autores utilizam elementos tais como a estrutura, o tom, as imagens e outros artifícios estilísticos para comunicar os seus propósitos.

Texto 2 (a)

O movimento da rua cresce. Autos buzina. Os guarda-civis com gestos dirigem o tráfego. Moleques apregoam os diários. Clarissa acha graça nos vendedores de jornais. Têm uma voz grossa, rouca, disforme, parecem todos papudos, pescoços descomunais, de veias dilatadas. E como pronunciam o nome dos jornais que vendem! Dizem as palavras pela metade.

5 – Titia, que engraçados esses guris que vendem jornais!

Agora estão no ponto mais movimentado da cidade. A rua por onde não transitam veículos, está apinhada de gente. Parece um formigueiro agitado.

10 Quanta gente! ... – pensa. – Parecem formigas, umas vão daqui para lá, outras de lá para cá, de vez em quando param uns na frente dos outros, conversam, depois seguem de novo o seu caminho. Bem como as formigas... Se as cigarras viessem pedir comida a estas formigas, elas responderiam: Que fizeram vocês durante o verão?

– Cantámos ... – Cantaram? Pois dancem, agora.

Como são más as formigas!

15 De súbito, Clarissa sente que a empurram. Que susto! Chocou-se com um senhor gorducho, que se desfaz em desculpas, tirando o chapéu, muito pálido.

– Estúpidos! – resmunga D Zina. – Não enxergam quem vai na frente!

20 Dois segundos mais, e Clarissa esquece o incidente. Os seus olhos dançam, curiosos, encantados. As pessoas passam por ela, ela passa pelas pessoas. Caminham rápidas, brilham um instante, somem-se depois. Bem como uma fita de cinema. Clarissa mal lhes pode perceber as feições.

Clarissa vai como num sonho, encantada com aquele espectáculo numeroso e variado.

– Tomara que isto não acabe!

– Antes a gente tivesse ido por outra rua. Isto é uma coisa horrorosa! O movimento me deixa tonta!

25 – Horrorosa? – estranha Clarissa.

Érico Veríssimo, *Clarissa* (adapt), (1974) Brasil

Texto 2 (b)

Luzes! Amarelo
Entre o verde
E o encarnado
É o elo.
5 Enervado fuma mais um cigarro.
Parado está o carro.
Carros, muitos carros,
Carros, muitos cigarros.
Buzinas,
10 Fortes e finas.
Só um apito
No meio desse infinito
No meio desse cruzamento
Com tão grande movimento
15 E tão pequeno andamento.
Sinais,
Muitos sinais,
Muitos gestos,
Sinais banais,
20 Buzinas e protestos,
Confusão,
Poluição,
Avenidas
Avenidas sem saídas,
25 Multidão,
Aflição,
Nervos, nervos
Em grandes acervos

Fotografia
30 Do dia-a-dia.

António San Payo de Araújo, *Diário de Notícias* (adapt), (1972) Portugal